

Económico

Suecos decepcionados com sistema de educação

HELEN WARRELL, FINANCIAL TIMES
06/09/14 00:05

Nenhum outro país europeu confiou uma fatia tão grande da educação dos seus filhos a empresas privadas como a Suécia. No entanto, à medida que o número de ‘friskola’ aumentava, a confiança da Suécia nas escolas com fins lucrativos diminuía.



Na zona comercial de Nacka, no Sul de Estocolmo, há um centro comercial que em vez de lojas tem escolas. Na aparência, a Kunskapsgalleria, ou “galeria do conhecimento”, é igual a muitos outros espaços retalhistas com café, restaurante e um átrio amplo e luminoso, visível dos cinco andares. Mas aqui não se vendem produtos, transmite-se conhecimento.

Para os arquitectos da reforma do sistema de educação sueco, esta relação entre ensino e negócio é o modelo ideal para as escolas financiadas pelo Estado, mas com gestão autónoma e independente, conhecidas como ‘friskola’. Vinte anos depois da arrojada experiência que foi abrir a educação pública ao mercado, um quinto dos alunos, ou cerca de 312 mil jovens, frequenta as ‘friskola’. Destes, dois terços estão inscritos em escolas geridas por empresas em vez de cooperativas de ensino ou instituições de caridade, e quatro das 10 maiores organizações educativas são apoiadas ou detidas por investidores em ‘private equity’.

Nenhum outro país europeu confiou uma fatia tão grande da educação dos seus filhos a empresas privadas como a Suécia. Ao longo dos anos, o sistema foi conquistando a admiração dos defensores do mercado livre um pouco por todo o mundo, em particular Michael Gove, ex-Secretário da Educação britânico, que

em 2008 declarou que “o Reino Unido precisa de um sistema de educação sueco”. Para os políticos interessados em melhorar as escolas sem aumentar a carga fiscal, o modelo sueco parecia ter tudo para funcionar: além de o leque de escolha ser maior para os pais, as novas escolas ajudaram a aumentar os padrões de ensino e, indirectamente, fizeram com que as outras escolas também introduzissem melhorias.

Nos primeiros anos, as boas classificações pareciam corroborar a teoria sueca em como a concorrência de mercado é a melhor forma de melhorar os resultados, atraindo numerosas empresas para o mercado. No entanto, à medida que o número de ‘friskola’ aumentava, a confiança da Suécia nas escolas com fins lucrativos diminuía.

Os suecos sempre ocuparam os lugares cimeiros nos ‘rankings’ da Educação, mas os mais recentes resultados do Pisa, o programa de avaliação de alunos da OCDE, mostram uma queda significativa nos domínios da leitura, matemática e ciência para um lugar muito abaixo da média no caso das nações desenvolvidas. Os escândalos nas escolas geridas por empresas, a somar aos maus resultados, chocaram a opinião pública e colocaram o modelo com fins lucrativos – que também se estende à assistência social e aos cuidados de saúde – no topo da agenda das eleições legislativas de Outubro.

Jonas Sjöstedt, líder do Partido da Esquerda e potencial parceiro de coligação num futuro governo de centro-esquerda, resume a decepção da opinião pública: “Os suecos acreditavam que a desregulação era a solução para tudo, da gestão dos caminhos-de-ferro à educação dos filhos, mas isso acabou. Há partes da nossa vida que que o mercado não pode preencher”. E aponta o dedo às organizações com fins lucrativos, considerando-as responsáveis pela crise que se abateu sobre o país – a que os suecos chamam “o choque de Pisa”. “Não estão nisto por gostarem dos miúdos ou por estarem interessados na educação. Estão nisto porque querem fazer dinheiro rapidamente.”

Cita vários exemplos de más práticas, que comprometeram a reputação das organizações por trás das ‘friskola’, mas admite que “é mais complicado” estabelecer uma ligação entre os maus

resultados do Pisa e o aumento do número de escolas privadas. “Não tem só a ver com maus resultados. As escolas privadas prejudicam o sistema, porque as escolas da rede municipal têm de adaptar-se a um sistema de mercado e muitas vezes perdem os seus melhores alunos”.

Não é fácil arranjar números credíveis para comparar os resultados das ‘friskola’ e das escolas da rede municipal. Segundo a “associação das escolas livres”, a Friskolornas Riksförbund, os alunos terminam o ensino primário com uma nota 10% acima da média nacional. A análise realizada por Rebecca Allen, académica do Instituto de Educação britânico, faz uma leitura diferente: os efeitos positivos das ‘friskola’ foram pouco significativos porque os benefícios se centraram nas crianças de famílias com educação académica elevada.

Bertil Östberg, secretário de Estado das Escolas, reconhece que “a livre escolha acentuou as diferenças entre as escolas” e aponta o dedo aos políticos que introduziram as ‘friskola’, dizendo que foram demasiado ingénuos por acreditarem que essas instituições seriam geridas pelos pais e pelos professores. “Estas grandes empresas são, em muitos casos, detidas por ‘venture capitalists’ e viram na educação uma forma interessante de ganhar dinheiro.”

Um grupo de trabalho estuda a possibilidade de introduzir nova legislação para impedir os grupos de ‘private equity’ de comprarem as ‘friskola’ por não terem interesse no seu êxito a longo prazo. “Para melhorar o sistema de educação é preciso investir na formação dos professores e reforçar as suas competências, e isso leva tempo. Por que iria uma empresa de ‘private equity’ preocupar-se em melhorar os resultados a longo prazo?”.

Exclusivo Financial Times / Tradução de Ana Pina